


O “HABITAR” RIBEIRINHO DA CIDADE DE BELÉM/PA: A CONSTRUÇÃO DE UMA PERIFERIA INSULAR

THE RIVERSIDE “INHABIT” OF THE CITY OF BELÉM/PA: THE CONSTRUCTION OF AN INSULAR PERIPHERY

LA “VIVIENDA” FLUVIAL DE LA CIUDAD DE BELÉM/PA: LA CONSTRUCCIÓN DE UNA PERIFERIA INSULAR

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-015>

Data de submissão: 01/06/2025

Data de publicação: 01/07/2025

Aelton Dias Costa

Mestre em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI) da Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: aeltondcosta@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9393-4336>

Eliana Teles Rodrigues

Doutora em Antropologia (PPGA/UFPA), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE/UFPA), Universidade Federal do Pará

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6717-3174>

Rita Denize de Oliveira

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), docente da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8894-6180>

Luiz Fernando de Souza Nogueira

Geógrafo pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Geoprocessamento e Georreferenciamento de Imóveis Rurais (UFPA)

E-mail: luiz11nogueira@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3624-0770>

RESUMO

Neste estudo, aborda-se as transformações ocorridas nas configurações do “habitar” ribeirinho da cidade de Belém, capital do estado do Pará. Cercada por dezenas de ilhas fluviais, a cidade se apresenta como uma península dividindo sua parte insular entre ilhas ao sul e ao norte. Um importante espaço de observação das transformações da modernidade, transições ecológicas e os modos de vida ribeirinha. Com levantamento de fontes secundárias e estudos que temos realizados, a partir de observação simples realizada em cinco quintais das áreas insulares de Belém, os quais servem como base para a análise desta proposta, este artigo procura demonstrar que o fenômeno de urbanização atravessou os espaços insulares do município, alterando dinâmicas socioambientais tipicamente ribeirinhas, com a criação de novas periferias urbanas da cidade, todavia, não extinguiu estes que são marcadamente uma herança cultural indígena e a expressão da territorialidade ribeirinha na metrópole amazônica, os quintais.

Palavras-chave: Ilhas. Sociodiversidade. Habitar. Urbanização.

ABSTRACT

This study looks at the transformations that have taken place in the configurations of riverside "dwelling" in the city of Belém, capital of the state of Pará. Surrounded by dozens of river islands, the city presents itself as a peninsula dividing its insular part between islands to the south and north. It is an important space for observing the transformations of modernity, ecological transitions and riverside ways of life. With a survey of secondary sources and studies that we have carried out, based on simple observation carried out in five backyards in Belém's insular areas, which serve as the basis for the analysis of this proposal, this article seeks to demonstrate that the phenomenon of urbanization has crossed the municipality's insular spaces, altering typically riverside socio-environmental dynamics, with the creation of new urban peripheries in the city, however, it has not extinguished these that are markedly an indigenous cultural heritage and the expression of riverside territoriality in the Amazon metropolis, the backyards.

Keywords: Islands. Sociodiversity. Dwell. Urbanization.

RESUMEN

Este artículo analiza las transformaciones que se han producido en las configuraciones del "habitar" ribereño en la ciudad de Belém, capital del estado de Pará. Rodeada por decenas de islas fluviales, la ciudad se presenta como una península que divide su parte insular entre islas al sur y al norte. Es un espacio importante para observar las transformaciones de la modernidad, las transiciones ecológicas y los modos de vida ribereños. Con un relevamiento de fuentes secundarias y estudios que hemos realizado, a partir de la simple observación en cinco traspatios de las áreas insulares de Belém, que sirven de base para el análisis de esta propuesta, este artículo busca demostrar que el fenómeno de la urbanización ha atravesado los espacios insulares del municipio, alterando las dinámicas socioambientales típicamente ribereñas, con la creación de nuevas periferias urbanas en la ciudad. Sin embargo, no ha extinguido lo que es marcadamente un patrimonio cultural indígena y la expresión de la territorialidad ribereña en la metrópolis amazónica, los huertos.

Palabras clave: Islas. Sociodiversidad. Habitar. Urbanización.

1 INTRODUÇÃO

Ao se estabelecer o processo de colonização da Amazônia, os povos indígenas passaram pelo (des)ordenamento dos sistemas linguísticos, culturais, econômicos e ecológicos (Porto-Gonçalves, 2017). Isso para o estabelecimento de sistemas que privilegiem o saque e a degradação das terras, assim, contribuindo com o enriquecimento material da metrópole, cuja primeira figura de colonização se dá pelos aldeamentos indígenas.

A formação da cidade de Belém, pode ser compreendida dentro das ondas de colonização que forjaram, em um primeiro momento, uma rede de cidades ligadas pelos rios da região e que ao longo do século 20 passaram a ser conectadas pelas vias terrestres. Particularmente, no caso de Belém, passou por um forte processo de metropolização, o que permitiu uma dupla face urbana-rural e continental-insular. Isto se percebe por meio da existência de espaços/lugares aqui denominados como quintais. Há várias dimensões que compõem os quintais e suas potencialidades agroecológicas em sistemas agrícolas complexos e que extrapolam os limites estabelecidos pelas divisões dos lotes. Estes espaços estão fortemente conectados às áreas comuns, como áreas de pesca e florestas de igapó, local onde se extraem produtos como madeira, frutos, pescados e óleos (Costa et al. 2021).

Este artigo procura demonstrar que o fenômeno de urbanização atravessou os espaços insulares do município, alterando dinâmicas socioambientais tipicamente ribeirinhas, com a criação de novas periferias urbanas da cidade, todavia, não extinguiu estes, que são marcadamente uma herança cultural indígena e a expressão da territorialidade ribeirinha na metrópole amazônica: os quintais. Partimos de levantamento de fontes secundárias e estudos que temos realizados, a partir de observação simples realizada em cinco quintais das áreas insulares de Belém, os quais servem como base para a análise desta proposta.

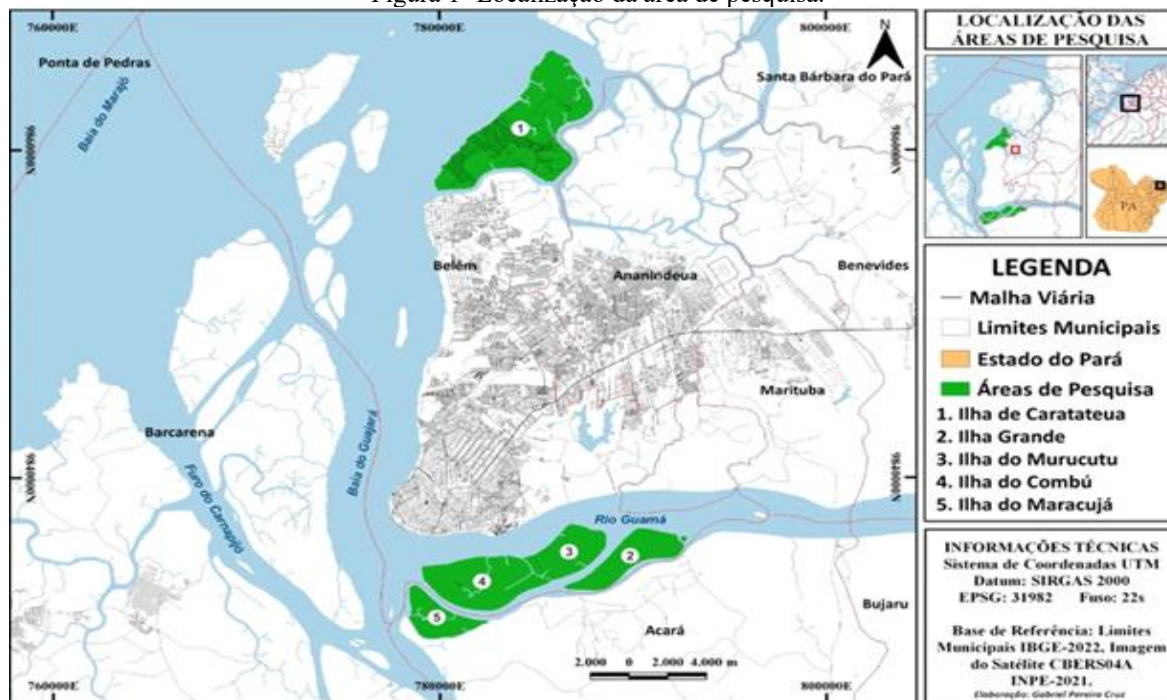
O manuscrito divide-se em duas seções, a primeira compreende um resgate histórico das dinâmicas socioambientais que forjaram a formação urbana/rural do município de Belém, já o segundo procura compreender as dinâmicas atuais de formação de uma periferia insular bem como as alterações socioambientais e permanências por meio dos quintais.

2 A DINÂMICA SOCIOAMBIENTAL NA FORMAÇÃO URBANO-RURAL E CONTINENTAL-INSULAR DE BELÉM

No período de 2022 a 2023, por meio de seminários e encontros promovidos por instituições e secretaria municipal, tivemos a oportunidade de acompanhar situações de agentes sociais que vivenciam práticas específicas na cidade/metrópole por meios de seus cultivos e coletas realizados perto ou longe de suas moradias. Com a permissão dos interlocutores, foi possível observar quatro

situações nas ilhas ao sul, ao norte e arredores do município de Belém, capital do estado do Pará, especificamente nas ilhas Grande, Murucutu e Maracujá ao sul, e Caratateua e seus arredores ao norte (Figura 1).

Figura 1- Localização da área de pesquisa.



Ao recebermos autorização para observar seus quintais, in loco recebemos autorização dos proprietários para realizar caminhadas pelas propriedades, assim como realizar entrevistas semiestruturadas que proporcionaram um diálogo sobre o cultivo e manutenção de quintais, bem como liberdade de expressar suas ideias livremente (Oliveira, Guimarães, Ferreira, 2023), a respeito de seus espaços produtivos.

É possível observar que Belém comporta-se como uma península (ver Figura 1), com suas ilhas espacializadas ao sul e ao norte. Compreender como essas regiões insular e continental se integram nos permite ter uma ideia das diferentes formas de habitar e cultivar a/na cidade dividida em dois eixos, como visto na figura acima, demonstrando a rica sociodiversidade presente entre situações urbanas e rurais, insulares e continentais.

Chambouleyron, Arena e Melo (2020), através de estudo documental sobre a condição e acesso à terra na província do Maranhão e Pará, apontam para a expropriação das terras indígenas a partir da guerra, da escravidão e dos aldeamentos no período colonial. No entanto, os autores ressaltam as estratégias indígenas de reapropriação de terras e da manutenção de sistemas agrícolas praticados ancestralmente.

As principais estratégias de reapropriação das terras levantadas pelos indígenas foram dadas principalmente pelos chamados “índios coloniais”, os quais eram reconhecidos como indígenas cristianizados e que passaram a utilizar dos meios estabelecidos pelos portugueses para a concessão de terras destinadas a cultivos. Seja na implantação de aldeias ou para a ascensão individual através da prática de concessão das sesmarias. Tais processos de reapropriação ocorreram em áreas mais “pacificadas” ao redor de Belém, contudo, uma das práticas mais comuns de apropriação e uso de terras pelos “índios livres” era o estabelecimento de sítios isolados em áreas próximas de rios que readaptaram seus hábitos ancestrais, como foi relatado pelo missionário João Daniel (Daniel, 2004 apud Chambouleyroni; Arenz; Melo, 2020, p. 11).

Estes elementos da composição indígena demonstram a importante contribuição desses povos para a construção da paisagem agrícola da região e na construção do campesinato da Amazônia. A prática do estabelecimento de sítios ribeirinhos por indígenas coloniais ou como foram denominados a partir da miscigenação por portugueses, de “caboclos”, principalmente a partir de meados do século XVII, configuraram parte significativa dos modos de vida de comunidades tradicionais.

3 A IMPORTÂNCIA DO QUINTAL NA FORMAÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO DA CIDADE DE BELÉM

No estudo em sítios arqueológicos no estuário do rio Pará e Tocantins desenvolvido por Lopes et al, (2019) a presença da ocupação humana, sobretudo nos últimos 5.000 anos tem contribuído para a complexificação de ambientes através de uso, manejo do solo e domesticação de animais e vegetais. Os autores apresentam indícios nos sítios arqueológicos dos sítios PA-BA-83: Bittencourt, PA-BA-84: Alunorte e PA-BA-85: Jambuaçu, localizados respectivamente nos municípios de Abaetetuba, Barcarena e Moju, nas proximidades de Belém no estado do Pará.

Das principais espécies encontradas através de levantamento e análise palinológica destacou-se as espécies de palmeiras, de açaí (*Euterpe oleracea* Mart), buriti (*Mauritia - flexuosa* L.), bacaba (*Oenoca Bactris gasipaes* Kunth), além das castanheiras (*Bertholletia excelsa* Humb & Bonpl.). Com forte presença ainda na atualidade, revela-se a memória biocultural de povos pré-colombianos com datação de manejo nos sítios investigados de + ou – 1.000 anos A.P. (Lopes et al, 2019).

Em outro estudo desenvolvido por Furquim et al, (2021) em torno dos indícios arqueológicos da contribuição humana para a diversidade biológica da Amazônia, revela a predominância de plantas que predominam a composição da flora, dentre elas o Açaí e a Bacaba (*Oenocarpus bacaba*) com datação de manejo de pelo menos 2.000 A.P. do Buriti (*Platonia insignis*) á pelo menos 9.000 A.P. e da

Castanheira (*Bertholletia excelsa*) a 10.000 A.P. o que reforça a ideia das paisagens antropogênicas ao longo do estuário do rio Pará e do Baixo Tocantins.

A presença de povos indígenas ocupantes do estuário dos Rios Tocantins e Pará foi retratado por viajantes europeus que buscavam colonizar as terras ambicionadas, em estudo documental de Pereira e Almeida (2020) baseando-se na obra de D'Evreux (2018), um cronista francês que viajou pela costa paraense por volta de 1606-1613 após a fundação do forte de São Luís no Maranhão, na companhia de Daniel de La Touche, representante da coroa francesa no qual objetivava a conquista da terra para a formação da chamada França equinocial.

Os autores afirmam a carência de divulgação dos relatos de povos indígenas na região pelos exploradores portugueses, sendo dado muito mais ênfase no nordeste e sul do País, portanto, justifica-se o uso dos relatos de viajantes espanhóis e franceses que conheciam a região antes da instalação lusitana. Dessa forma, em 1580 Castelo Branco, sob ordens do rei Dom Manoel, soberano da União Ibérica, chega à região do rio Guamá e igarapé do Piry, tendo o local de escolha relação com um aldeamento indígena denominado de Mairí composto por povos Tupinambás e Pacajás sob liderança do cacicado de Guaimiabe (Neves, 2006).

Esse posto em Mairí marcou o início da ocupação militar da União Ibérica ou Dinastia Filipina na região, para defesa luso-espanhola da entrada na Amazônia de estrangeiros que disputavam o domínio do território das drogas do sertão e a colonização do então denominado Império das Amazonas (Pereira; Almeida, 2020, p. 148). O entreposto indígena de Mairí de intensa movimentação migratória entre o Marajó e o Baixo Amazonas é retratado por Friel (1970), ao realizar pesquisa etno-histórica com o povo Caxiuanã na região de Óbidos, revelando a grande movimentação deste entreposto por Tupuliçu e Pauxis, mais tarde mudados por ordem de Marquês de Pombal para Santarém e Óbidos.

Em outro estudo desenvolvido por Gallois (1994) com o povo waiãpi no Amapá, que migraram de suas terras no Xingu fugidos para o Jari e para a região de Mairí na foz do Tocantins com o Guamá, os pajés reconheceram a terra de Mairí como sua terra ancestral o que faz sentido para Pereira e Almeida (2020). Pois, antes de migrarem para o Amapá na fronteira com as Guianas estiveram por aqui e testemunharam a construção de Belém, inclusive do forte do Presépio.

Há também a proposição de que Mairí seria como os tupinambás chamavam os franceses, isso pelo fato de existir no francês a palavra maire, significando prefeito, ou seja, os tupinambás deveriam saber francês ou algum francês os obrigou a falar. Mas os próprios franceses diziam que eles os chamavam de 'papagaios amarelos' ou aiuru juba em tupinambá (Pianzola, 1991). Além do mais, a existência de Mairí é anterior à chegada dos franceses (Pereira e Almeida, 2020).

As migrações indígenas na região se faziam presentes bem antes da presença europeia, Já por volta de 410 d. c. há evidências de que mudanças climáticas forçou diversas migrações ao longo das terras equatoriais, como os Maias na América Central, devido ação vulcânica na Indonésia (Wohletz, 1995). Pereira e Almeida (2020) relatam a relação do léxico indígena da palavra mairí enquanto referência e significado de cidade ou urbe indígena, com características de aglomeração humana, com feiras, oficinas, salga de peixes e carnes, e olarias – um entreposto de comércio. Tal comunidade existiu ao longo do Mairí, conhecido atualmente como lago Arari, onde foram encontrados indícios do povo que prosperou e estabeleceu a cultura marajoara (Oberg, 1955; Meggers, 1987; Cazal, 1817), estima-se que até 400 d. c. a aglomeração humana era por volta de 100 mil pessoas.

É a partir de 410 d. c. que Mairí começa a se dissolver por razões muito provavelmente climáticas como ocorreu com outros povos no mesmo período, acarretando migrações, segundo Pereira e Almeida (2020) se for considerado a grande migração, Mairí pode ter sido o entreposto indígena que migrou do Marajó para a região do estuário do rio Guamá e Tocantins permanecendo o antigo nome do cacicado. Dessa forma, a presença indígena na região se mostra fundamental para a ocupação dos ambientes, sobretudo dos ambientes insulares, manejando e alterando tais ambientes através de roças, pescas e do manejo das florestas.

Um dos primeiros autores acadêmicos a discorrer sobre a questão de diferentes formas de ocupação em Belém a partir da fundação da cidade pelos portugueses foi Eidorfe Moreira (1912-1989) em sua obra “Belém e sua expressão geográfica” (1966), o qual buscou compreender a “Belém das Águas” ou “Belém ribeirinha” como a primeira característica predominante desse encontro. Em seu estudo o autor revela a vivacidade da Belém de 1616 até 1750. Sua proposta é olhar a cidade enquanto conjunto de ilhas conectadas, o que contraria boa parte dos estudos em voga, onde predomina o pensamento isolacionista muito valorizado por sociólogos e antropólogos como é possível constatar em Diegues (1998, p. 14), onde o autor discute a carência de estudos sobre ilhéus até 1990, debruçando-se na caracterização de tais conceitos.

Guerra (2015) ao refletir sobre a percepção de Moreira, observa a característica integradora que o autor constrói sob a leitura da cidade de Belém, apresentando elementos insulares e continentais como fundamentais para a compreensão da formação inicial da cidade, levando em consideração a sua vasta área insular correspondente a 2/3 do município e compondo 10% da população.

A característica centrada nas águas em Moreira (1966) se caracteriza no período de 1616-1750 e tem sua continentalidade reforçada segundo o autor até o início do século XX, quando é construída a ferrovia Belém/Bragança, esta característica toma os primórdios da cidade com os aspectos insulares,

tomando os portos e os rios como os principais pontos e vias das conectividades e circulação das drogas do sertão extraídas através da formação dos aldeamentos ao longo dos rios.

Chambouleyron, Arena e Melo (2020) ao tratarem das estratégias de resistência dos chamado “índio coloniais” ressaltam a importância da ocupação indígena na formação da paisagem rural/ribeirinha do período colonial através da modalidade conhecida como sítios ribeirinhos distribuídos às margens dos rios e ilhas, tal configuração é fundamental para se pensar o contexto de abastecimento da cidade através dos principais portos, o qual faz-se um paralelo ao comércio das drogas do sertão, cuja fonte das principais reclamações levadas à coroa portuguesa por “índios principais” era o atuante trabalho nas viagens de coleta dos produtos na floresta, deixando-lhes pouco tempo para se dedicarem às suas roças, o que acarretava em situação de fome nos aldeamentos. Neste momento a relação campo/cidade é estabelecida pela iniciação de um campesinato indígena catequizado.

É a partir de 1750 com obras de drenagem e abertura de estradas, mas sobretudo o aterramento do lago do Pirí, principal elemento que dividia a cidade em dois principais pólos (a cidade e a campina), que se deu a formação continental da cidade, no entanto, sua característica ribeirinha continuou forte, agregando-se à cidade um contingente forte de escravizados.

No estudo estabelecido por Bezerra Neto (2002) é apresentado histórias de escravizados em Belém/PA, onde o autor ilustra as ilhas da região como espaços de fugas e refúgios ainda que, escravizados fugidos, corriqueiramente voltassem a serem vistos nos portos da cidade a fim de estabelecer suas vidas em liberdade, é bom ressaltar que no período da segunda metade do século XVIII até 1988 a população escravizada e preta, indígena e mestiça se constituía em significativa quantidade.

Em 1793, por exemplo, são contabilizados 8.573 habitantes na cidade, e destes 4.423 eram considerados brancos (51,6%), 3.051 escravos negros (35,6%) e 1.099 pretos, índios e mestiços livres (12,8%). Enquanto em 1823, nas duas freguesias urbanas de Belém, Sé e Campinas, havia uma população de 12.471, compreendendo 5.643 brancos (45,2%), 5.719 escravizados africanos ou crioulos (45,9%) e 1.109 pretos, índios e mestiços livres (8,9%). Tal contingente demonstra a significativa presença dos povos de origem africana na contribuição da paisagem urbana e rural do município.

Em Marin (2000) a formação camponesa das cercanias de Belém, sobretudo ao longo dos rios Guamá, Acará, Moju e Capim são configuradas pela escalação de fazendas de engenhos, sítios ribeirinhos, chácaras e outros pequenos estabelecimentos que conformam as dinâmicas ribeirinhas da época. Tal aspecto é reafirmado em Nunes (2018) onde é apresentado nas cercanias de Belém oitocentista a distribuição de sítios, chácaras, engenhos e olarias que compunham o cenário rural da

cidade, levando em consideração a formação da Freguesia da Santíssima Trindade, através da consolidação de estradas, ruas e avenidas ao longo do arraial de Nazaré composta pelas chamadas “fazendinhas” e “rocinhas”, além de outros pequenos estabelecimentos de uso agrícola da cidade (Cancela, 2011 p. 28).

Baena (2004), em trabalho ecorográfico produzido ao longo da década de 1830, ao retratar a cidade de Belém, faz uma descrição detalhada dos diferentes estabelecimentos agrícolas, chamando a atenção para os pequenos estabelecimentos de rocinhas, olarias, sítios e engenhos, assim como as pequenas fazendas e chácaras. Suas atividades marcam as paisagens rurais de antigos aldeamentos indígenas, como no caso do Rio Mata Fome no atual bairro do Tapanã e do rio do Una em Val-de-Cans. Já Moreira (1966), aponta a virada do século XIX para XX como fundamental para a consolidação da perspectiva continental em paralelo ao conjunto insular da cidade, marcada por obras como a estrada de ferro Belém/Bragança e obras de vias e macrodrenagens que se sucederam ao longo do século XX.

É bom ressaltar que no período conhecido como “belle époque”, a cidade de Belém passa pela transformação da dinâmica colonial para a dinâmica de modernidade, a qual a autora Soares (2008) denomina como a passagem da “Belém das Bananeiras” para a “Belém da borracha”, enfatizando as modificações dos modos de morar na cidade. Sendo os elementos da Belém das bananeiras, as quintas, as chamadas rocinhas e os sítios, como retratado pelos naturalistas Wallace e Bates:

Daí a pouco, num céu sem nuvens, surgia o sol, e avistamos, então cercada de densa floresta, a cidade [de Belém] do Pará, com suas bananeiras e palmeiras, que se destacavam magnificamente, oferecendo aos nossos olhos um espetáculo duplamente belo, já pelo tom alegre da paisagem, já pela presença daqueles luxuriantes espécimes dos países tropicais, na sua esplêndida pompa nativa (Wallace, 1939 p. 1).

A soberba bananeira (*Musa paradisiaca*), a qual, conforme diziam todos os livros a respeito, constituía um dos maiores encantos da vegetação tropical, crescia ali com grande viço, suas verdes e luzidas folhas de doze pés de comprimento debruçando-se sobre o telhado das varandas, nos fundos de todas as casas (Bates, 1979 p. 13).

Soares (2008) ressalta a importância do quintal para a alimentação das famílias no período colonial, servindo como fonte de proteínas através da criação de animais, fontes de frutas através de pomares e do cultivo de hortaliças. Devido a irregularidade das casas e estreiteza das ruas, os quintais constituíam-se parte ao fundo das casas sem jardins, pois, muito mais que embelezamento, constituíam fonte de alimentação, uma vez que os altos custos referentes à “importação de mercadorias de outras cidades brasileiras e também pela dificuldade de acesso à região”, levava “alguns transeuntes de Belém contarem com as frutas de árvores encontradas nas ruas da cidade, para compor a sua alimentação” (Soares, 2008 p. 24). Na observação de Cardoso e Miranda (2018), a prática de procurarem nas vias

públicas e nos quintais, os alimentos, ainda são possíveis de serem observadas nos dias presentes na capital.

Dessa forma, é possível compreender o quintal das casas urbanas coloniais de Belém como espaço indispensável para a reprodução da vida, apresentados como espaços localizados ao fundo das residências urbanas. Tourinho e Silva (2016), ao discutirem os quintais na morada brasileira das cidades coloniais apresentam o padrão descrito presente em outras cidades colônias, dando destaque para a dimensão privada desses espaços domésticos vinculados ao trabalho feminino, herança do patriarcalismo ocidental. No entanto, outro importante modo de morar na “Belém das bananeiras”, descrito pelos naturalistas Bates e Wallace são as chamadas rocinhas localizadas nas periferias da cidade, ao discutir sobre tais moradas Soares (2008) revela que “as rocinhas, não significavam apenas a moradia em si, era tudo o que envolvia esta propriedade rural, seja o campo, a floresta, o pomar e todas as áreas verdes circundantes. Todo este ambiente era uma rocinha”. (2008, p. 31)

Nesse sentido, a rocinha constitui-se como modo de habitação tipicamente amazônico, tal como em Tocantins (1961), que revela a origem do termo como própria de expressão paraense em referência a lavoura e a quem vem do campo ou interior. No entanto Soares (2008) adverte que “o termo rocinha somente era utilizado em Belém e nos seus arrabaldes, pois no interior qualquer propriedade rural era chamada de chácara ou sítio (2008, p. 30)”.

Devido a adaptação climática das rocinhas às altas temperaturas e umidade, serão estas, as privilegiadas de viajantes na região que, entre 1870 a 1910 seriam substituídas pelos chalés típicos do lazer das elites provenientes da Belém da borracha (Soares, 1996 p. 20), demonstrando assim alta adaptabilidade de tais moradas. Entre 1870 e 1910 Belém torna-se ponto central de escoamento da borracha provindo do látex extraído da seringueira, fortalecendo a elite local e a ideia de “Paris na América” com importantes obras de revitalização das paisagens: palacetes, jardins botânico, teatros e todo o ethos da vida moderna burguesa. Nessa perspectiva a natureza/selvagem precisa ser moldada pelas mãos humanas, e somente assim ela teria a constituição da estética e da beleza (Junior e Derntl, 2007).

As transformações urbanísticas na cidade foram profundamente estabelecidas pelo modo de vida urbano industrial da virada do século XIX para o XX, denotando as ilhas como espaços de lazer e isolamento. A perspectiva, antes dinâmica, das embarcações que vinham trocar é pouco a pouco invisibilizada pela dinâmica da estrada de ferro e a formação das colônias agrícolas, os bondes e carroças. A dinâmica dos portos, no entanto, continuou forte, o que mudou na verdade foi a perspectiva do olhar sobre a cidade que vê as ilhas como espaços pouco habitados e isolados. É possível observar tal premissa pelos usos dados a tais espaços, como as praias na ilha de Mosqueiro e a construção de

chalés de ferro, que demonstra o uso de lazer das elites paraense, ou na hospedaria dos migrantes na ilha de Caratateua, construída exatamente com o intuito de isolar em quarentena os migrantes a fim de se prevenir epidemias de gripe na região. Ou ainda, o presídio construído na ilha de Cotijuba denotando a visão de difícil acesso desses espaços no período.

Figura 2 - Prédios construídos nas ilhas em meados do século XX: (a) Chalé Porto Arthur, residência de Arthur Pires Teixeira pioneiro no desenvolvimento de Mosqueiro, (b) Prédio da antiga hospedaria de imigrantes em Caratateua; (c) Ruínas do antigo presídio.



Fonte: (a) Página de Belém do Pará; (b) Porta para Amazônia (c) Alves, (2016).

O auge da consolidação e sobreposição da perspectiva continental e rodoviária é alcançado após a construção da rodovia Belém/Brasília e o processo de metropolização que se sucedeu ao longo dos anos 1960 e 1970 (Trindade, 1998). Rodrigues (2018), ao discutir as transformações ocorridas no bairro do Umarizal, atual centro comercial da cidade, revela importantes modificações na transição das usabilidades dos espaços pós anos 1950, retratando assim a constituição da Belém metrópole. O autor enfatiza os estabelecimentos chamadas vacarias, entendidos como espaços destinados à criação de animais como bois, porcos, aves e que se localizam, sobretudo, nas áreas conhecidas como “baixadas”, por estarem em contato direto com as dinâmicas dos igarapés, muitos dos quais passaram por canalização e retificação. Foi a partir do movimento de adensamento da região continental da cidade que a urbanização se assentou, dando ao conjunto insular a interpretação do distante, do exótico e da fantasia. Dessa forma, os prédios e espigões tomam conta da paisagem da cidade, e os quintais, rocinhas e vacarias, outrora dominantes na chamada primeira légua patrimonial da cidade, que comporta os bairros mais antigos, vão dando lugar ao concreto dos prédios e a instalação do modo de vida metropolitano.

Autores como Benedito Nunes (1994), retratam tal processo como uma violência da ruptura de espaços historicamente destinados ao processo de reflexão e reconexão com o mítico, o poético, o sagrado, o pensamento, bases fundamentais para constituição da condição humana. Por outro lado, o adensamento populacional ocorrido nas três últimas décadas fez com que a cidade se expandisse lateralmente por toda a área continental e chegando também nas áreas insulares compondo um extenso conglomerado periférico composto por migrantes vindos das áreas rurais, onde o quintal novamente

será elemento importante para segurança alimentar da população assim como ocorre em outras metrópoles brasileiras (Lucshesi et al., 2021; Monteiro e Mendonça, 2004). Madaleno (2002), ao discutir a importância do quintal na formação do espaço metropolitano da cidade de Belém, demonstra a pujança de tal elemento na vida cotidiana da cidade.

As ilhas de Belém ao sul e ao norte, podem então ser imaginadas como áreas de refúgios para indígenas, ribeirinhos e escravos na Belém ribeirinha-colonial ou como espaços de lazer na Belém das bananeiras, ou isolamento e exclusão na Belém moderna da Belle Époque da borracha e ainda como espaço de turismo do exótico amazônico e do lazer da população empobrecida na Belém metrópole contemporânea.

Compreender como essas regiões insular e continental se integram nos permite ter uma ideia das diferentes formas de habitar e cultivar a/na cidade dividida em dois eixos, como visto na figura acima, demonstrando a rica sociodiversidade presente entre situações urbanas e rurais, insulares e continentais. Essa rica diversidade socioecológica de ambientes e formas de habitar a cidade demonstra o fenômeno de diversas cidades em uma, podendo ser observado o surgimento de periferias em ambos os eixos insular e continental com resquícios de paisagem camponesas em quintais, sítios, terreiros e rocinhas.

Nos quintais observados em trabalho de campo, encontra-se uma variedade de plantações e criações, exemplo da sociodiversidade persistente em inovações e reinvenções de adaptabilidade ao clima e ao ambiente constituído, o que demonstra a permanência e reinvenções do campo fazendo frente ao processo de expansão urbana da cidade. No quadro abaixo encontra-se uma síntese desses lugares/espços.

Quadro 1- Espécies encontradas nos Sítios, Terreiros e Quintais levantados.

Proprietários	Nomenclatura utilizada pelos entrevistados	Localidade	Espécies encontradas
Entrevistado 1	Sítio/Quintal	Quintal Sítio de Maré – Bairro do Itaiteua na ilha de Caratateua, Região Insular ao norte de Belém/PA	<p>Arbóreas; Açaizeiro (<i>Euterpe olerace</i>), Andiroba (<i>Carapa guianensis</i>), Cupuaçuzeiro (<i>Theobroma grandiflorum</i>), Bacurizeiro (<i>latonia insignis</i>), Cafeeiro (<i>Cofea</i>), Cacaueiro (<i>heobroma cacao</i>), Jaqueira (<i>Artocarpus heterophyllus</i>), Mangueira (<i>Mangifera indica</i>), Cajueiro (<i>Anacardium occidentale</i>), Coqueiro (<i>Cocos nucifera</i>), Bananeira (<i>Musa</i>).</p> <p>Plantas medicinais, ornamentais e alimentícias; (Samambaia <i>Tracheophyta</i>), Copo de Leite (<i>Zantedeschia aethiopica</i>), Lírio da Paz (<i>Zantedeschia aethiopica</i>), Jiboinha (<i>Epipremnum pinnatum</i>), Costela de adão (<i>Monstera deliciosa</i>), Dinheiro em penca (<i>Monstera deliciosa</i>), Anador (<i>Justicia pectoralis</i>), Chicória (<i>Cichorium intybus</i>), Alfavaca (<i>Ocimum basilicum</i>), Cheiro Verde (<i>Petroselinum crispum</i>).</p> <p>Criações animais; Pato, Galinhas, Abelhas.</p>

Entrevistado 2	Sítio Ilha	Sítio ilha – Bairro de Maracacuera ao longo do rio Piraíba nos interflúvios das ilhas ao norte de Belém/PA	<p>Arbóreas; Pupunheira (<i>Bactris gasipaes</i>), Coqueiro (<i>Cocos nucifera</i>), Cedro (<i>Cedrela fissilis</i>), Mogno (<i>Swietenia macrophylla</i>), Cupuaçu (<i>Theobroma grandiflorum</i>), Açaizeiro (<i>Euterpe oleracea</i>), Limoeiro (<i>Citrus limon</i>), Mamoeiro (<i>Carica papaya</i>), Bacabeira (<i>Euterpe oleracea</i>), Uxizeiro (<i>Endopleura uchi</i>).</p> <p>Plantas medicinais, ornamentais e alimentícias; Cheiro Verde (<i>Petroselinum crispum</i>), Maniva (<i>Manihot esculenta</i>), Pimentinha (<i>Capsicum chinense</i> Jacq).</p> <p>Criações animais; Porcos, Galinhas e Patos</p>
Entrevistada 3	Quintal	Quintal Minha Matinha – Bairro do Bengui na área continental do município de Belém/PA	<p>Arbóreas; Cacaueiro (<i>Theobroma cacao</i>), Cupuaçuzeiro (<i>Theobroma grandiflorum</i>), Coqueiro (<i>Cocos nucifera</i>), Bananeira (<i>Musa</i>), Aceroleira (<i>Malpighia glabra</i>), Açaizeiro (<i>Euterpe oleracea</i>), Cafeeiro (<i>Coffea</i>), Abacateiro (<i>Persea americana</i>), Cedro (<i>Cedrela fissilis</i>).</p> <p>Plantas medicinais, ornamentais e alimentícias; Mirra (<i>Commiphora myrrha</i>), Orquídeas (<i>Orchidaceae</i>), Hortelã, Samambaia (<i>Tracheophyta</i>), Boldo (<i>Peumus boldus</i>), Capim Santo (<i>Cymbopogon citratus</i>), Trevo Roxo (<i>Oxalis triangularis atropurpurea</i>).</p> <p>Criações animais; gatos e cães</p>
Entrevistado 4	Terreiro/Pasto	Terreiro Pasto – ilha Grande na região insular ao sul de Belém/PA	<p>Arbóreas; Açaizeiro (<i>Euterpe oleracea</i>), Cupuaçuzeiro (<i>Theobroma grandiflorum</i>), Cacaueiro (<i>Theobroma cacao</i>), Goiabeira Araçá (<i>Psidium guajava</i>), Limoeiro (<i>Citrus limon</i>).</p> <p>Plantas medicinais, ornamentais e alimentícias; Criações animais; Porcos e Galinhas</p>
Entrevistado 5	Sítio/Terr eiro	Sítio Alfa – ilha do Maracujá na região ao sul de Belém/PA	<p>Arbóreas; Canela (<i>Cinnamomum verum</i>), Cedro (<i>Cedrela fissilis</i>), Andirobeira (<i>Carapa guianensis</i>), Bananeira (<i>Musa</i>), Coqueiro, (<i>Cocos nucifera</i>), Bacabeira (<i>Oenocarpus mapora</i> Karsten), Açaizeiro (<i>Euterpe oleracea</i>) Cupuaçuzeiro (<i>Theobroma grandiflorum</i>).</p> <p>Plantas medicinais, ornamentais e alimentícias; Capim Marinho (<i>Cymbopogon citratus</i>), Erva cidreira (<i>Melissa officinalis</i>).</p> <p>Criações animais</p>

O quadro-síntese busca apresentar diferentes estratégias em espaços urbanos, protagonizadas por atores/agentes que trazem consigo as memórias, saberes e fazeres constituídos tipicamente sob bases de comunidades campesinas, dentro dos ambientes ou mesmo nas cercanias da cidade de Belém. Trata-se de apontar como essas formas de ser, fazem-se presentes, criando estratégias, reinventando possibilidades e recriando práticas sem, no entanto, perder suas bases e raízes.

Os diferentes contextos dessas situações, como no caso das ilhas ao sul da cidade, onde foi possível observar os movimentos de transição entre os portos e as pontes das casas, as matas e as marés, a expansão urbana sobre as ilhas na forma do adensamento de bares e restaurantes, produz outras dinâmicas ao espaço ribeirinho. Contudo, verificou-se reação ao adensamento com a aquisição de terrenos mais distantes para a continuidade de atividades agroextrativistas. Tais situações

demonstram nos sítios e terreiros ribeirinhos ao sul de Belém a relação maré/mata em que sistemas agrícolas e extrativistas entrelaçam-se.

No que diz respeito às estratégias levantadas na área continental da cidade, pode-se observar uma situação de “ilha verde” em meio ao concreto cinza da cidade. Ao se observar as ilhas ao norte da cidade apresentadas pelas práticas dos interlocutores, na Ilha de Caratateua, evidenciou-se as estratégias acionadas pela memória biocultural (Toledo e Barrera-Bassols, 2015) e pelas estratégias de dinâmica de atividades do trabalho, que resultam na construção de valores ambientais. Ao analisar as práticas de cultivo dos entrevistados, nota-se também que estes atribuem aos cuidados dos Sítios, Terreiros e Quintais, benefícios e contribuições à qualidade de vida mental. Todavia, esta é uma dimensão ainda pouco estudada no Brasil no que diz respeito ao desenvolvimento de Políticas Públicas de recuperação, reabilitação e prevenção de doenças psíquicas e psicossomáticas (Ainamani et al., 2022).

Dessa forma, é possível constatar a relevância de tais espaços no cotidiano da vida nas diferentes periferias da cidade, tal pujança historicamente marcada pelas relações campo/cidade demonstra a resistência camponesa que teimosamente procura se reinventar. É razoável compreendê-los como verdadeiros patrimônios bioculturais, cada vez mais valorizados em seus aspectos voltados a preservação da diversidade cultural e do bioma, que guardam saberes e conhecimentos ancestrais em diálogo com os conhecimentos da modernidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou evidenciar diferentes momentos e contextos, da reprodução de práticas e saberes que compõem os modos de vida locais/tradicionais na cidade de Belém, uma das metrópoles da Amazônia. Tais situações, por vezes, condicionam o acionamento de estratégias, memórias e identidades pelos atores/agentes no processo de reinvenção de seus modos de vida em contato com a urbanização.

As cidades na Amazônia estão repletas de experiências camponesas, indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Torna-se fundamental compreender como tais sujeitos/agentes promovem essas experiências, a fim de que se construa políticas públicas mais equitativas para cidades mais resilientes. No estudo é possível observar os quintais, sítios e terreiros enquanto espaços de uso comum e de lógicas e existem que vão muito além dos propósitos de renda e lucro, imposto pela racionalidade do capital, são, portanto, lógicas que tem as relações humanas e não humanas como basilares para a promoção de uma boa qualidade de vida, equilíbrio emocional, mental, espiritual e corporal, compartilhados em grupo.

Promovedores de valores, tais espaços têm cada vez maior importância para a construção de uma sociedade mais consciente e cidadã, contudo, ronda-se por várias ameaças de sua extinção em cidades onde o concreto prevalece. Dessa forma, torna-se necessário abrir novas linhas de pesquisa, que observem os processos humanos no cotidiano, que promovam o encontro com nossas raízes, que como uma árvore, quando cercada por calçamento, quebra o concreto, provoca rachaduras e salta para fora da terra, emergindo. No artigo apontamos diferentes processos de adaptação e reinvenção dos modos de vida camponeses na cidade e no campo de influência da Região Metropolitana de Belém na tentativa. Temos buscado contribuir teórica e metodologicamente com o reconhecimento da constituição de tais situações socioambientais e no apontamento de possibilidades para a construção de cidades mais resilientes na Amazônia, com ênfase para a situação de Belém.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

FONTE DE FINANCIAMENTO

A pesquisa recebeu financiamento da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa).

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeus Thiago Corrêa do; ALBERTO, Diana Priscila Sá. Turismo em Mosqueiro/Pa: um olhar histórico sobre a ilha. *Revista Paata Eeseru em Turismo*, v. 2, n. 1, 2023.
- ANDERSON, Anthony B.; GELY, Anne; STRUDWICK, Jeremy; SOBEL, Gail; PINTO, Maria das Graças. Um sistema agroflorestal na várzea do estuário amazônico (Ilha das Onças, Município de Barcarena, Estado do Pará). *Acta amazônica*, v. 15, p. 195-224, 1985.
- AINAMANI, Herbert E.; GUMISIRIZA, Nolbert; BAMWERINDE, Wilson M.; RUKUNDO, Godfrey Z. Gardening activity and its relationship to mental health: Understudied and untapped in low- and middle-income countries. *Preventive Medicine Reports*. v. 29, p. 101946, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211335522002534>. Acesso em: 25/04/2023.
- BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará. Brasília: Edições do Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.
- BATES, Henry Walter. Um Naturalista no Rio Amazonas. Belo Horizonte: Itatiaia, p.13, 1979.
- BEZERRA NETO, José Maia de. Histórias urbanas de liberdade: escravos em fuga na cidade de Belém, 1860- 1888. *Afro-Ásia*, n. 28, p. 221-250, 2002.
- BITENCOURT, Heliana Rodrigues. Ilha de Outeiro: Memórias e ressignificações. *Terceira Margem Amazônia*, v. 2, n. 7, p. 167-185, 2017.
- CAZAL, M. A. *Corographia Brasilica*. R.J. Eduardo&Henrique Laermmert, 1817.
- CANCELA, C. D. Casamento e família em uma capital amazônica. Belém: Açáí, 2011.
- Cardoso, A. C. D., & Miranda, T. B. (2018). Invisibilidade social e produção do espaço subordinado em Belém (PA). *Paisagem E Ambiente*, 41, 85-107. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i41p85-107>
- CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl Heinz; MELO, Vanice Siqueira de. Ruralidades indígenas na Amazônia colonial. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 15, p. 1-22, 2020.
- COSTA, Aelton Dias; SANTOS, Jorge Sales dos; OLIVEIRA, Rita Denize; FOLHES, Ricardo Theophilo. A ATUAÇÃO DOS QUINTAIS PRODUTIVOS COMO R-EXISTÊNCIAS TERRITORIAIS: Experiências agroecológicas na ilha de Caratateua em Belém/PA. *Revista Tocantinense de Geografia* V, 10 N, 22, 181-201. 2021.
- D'EVREUX, I. *Voyage dans le nord du Brésil 1613-1614*. Wentworth Press. Paris, 2018.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Editora Hucitec. Acesso em: 26 jun. 2025. 1998.
- FRIKEL, P. Os Kaxuyana - Notas Etno-Historicas, *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. Belém, 1970.

GALLOIS, D. T. Mairi revisitada. NHII/USP/ FAPESP, São Paulo, 1994.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. Eidorfe Moreira e o aspecto insular de Belém. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 10, p. 583-589, 2015.

IORIS, Edviges M.; ANDERSON, Anthony B. Estratégias econômicas de pequenos produtores extrativistas no estuário amazônico (Ilha Combu, Município do Acará, Estado do Pará). Ciência & Trópico, v. 21, p. 217-238, 1993.

JÚNIOR, E. S.; DERNTL, M. F. Paisagismo e modernidade na Europa na década de 1920. Paisagem e Ambiente, n. 24, p. 191-200, 2007.

LIMA, Neumira Geraldo; FARIAS, Maicon Silva; NASCIMENTO, Nandiel Silva do; LOPES, P. R. C. et al. Análise geoambiental de sítios arqueológicos no estuário do rio Pará, Amazônia. Revista Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 17, n. 2, p. 557-575, 2019.

MIRANDA, Renan Satiro; ANDRADE, Edinelson da Silva. A Informação Ambiental na Ilha do Murutucu Belém-Pa, 2009–2010: Um estudo de caso da relação urbano e rural. I Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 2010.

MADALENO, Isabel Maria. Cidade das Mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará. Pará: FCG/FCT, 2002.

MARIN, Rosa Elisabeth Acevedo. Camponeses, donos de engenhos e escravos na região do Acará nos séculos XVIII e XIX (Paper 153). Papers do NAEA, v. 9, n. 1, 2000.

MEGGERS, Betty. J. The early history of man in Amazonia. T.C. & Prance, G.T. (org), 1987.

MONTEIRO, Denis; MENDONÇA, Marcio Mattos de. Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v. 1, p. 29- 31, 2004. Disponível em: <https://orprints.org/id/eprint/19941/>. Acessado em: 22/03/2023.

MOREIRA, Eidorfe. Belém e sua expressão geográfica. Belém: Imprensa Universitária, 1966.

NEVES, Eduardo Góes, Arqueologia da Amazônia, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2006.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

NUNES, B. Casa, praça, jardim e quintal. Ciência & Trópico, v. 22, 1994.

NUNES, F. A. Nas cercanias da Belém oitocentista: entre fazendas, sítios, olarias e engenhos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Belém, v. 5, n. 01, 2018.

OBERG, K. Types of Social Structure among the Lowland Tribes of South and Central America. American Anthropologist, 57, 1955.

OLIVEIRA, Silvaney de; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, 2023. DOI: 10.5965/1984723824552023210. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/21779>. Acesso em: 16 jun. 2024.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Bairro e memória: Umarizal das vacarias aos espigões. (Belém, 1950/2000). Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 2013.

SILVA, Jakson Silva da; PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. Gentrificação e resistência popular nas feiras e portos públicos da Estrada Nova em Belém (PA). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, p. 681-697, 2015.

SOARES, Roberto de La Rocque. Vivendas rurais do Pará: rocinhas e outras (do séc. XIX ao XX); levantamentos arquitetônicos e busca bibliográfica. Belém: Fundação Cultural do Município de Belém, 1996.

SOARES, Karol Gillet. As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910). Dissertação. MPEG, Belém/PA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.museugoeldi.br/handle/mgoeldi/1239>. Acesso em: 12 de fev. de 2023.

OBERG, Kalervo. Types of Social Structure among the Lowland Tribes of South and Central America. *American Anthropologist*, v. 57, n. 3, p. 472-487, 1955.

PEREIRA, Carlos Simões. ALMEIDA, Arthur da Costa. Das origens da Belém seiscentista e sua herança Tupinambá. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Vol. 03, p. 146-160, 2020.

PIANZOLA, Maurice, Des Français à la conquête du Brésil (XVII siècle): Les perroquets jaunes, L'Harmattan, Paris, 1991.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Amazônia: encruzilhada civilizatória, tensões territoriais em curso. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

TOLEDO, Víctor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A Memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo. Expressão Popular, 2015.

TOURINHO, H. L. Z; SILVA, M. G. C. A. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, p. 633-651, 2016.

TOCANTINS, L. O rio comanda a vida. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1961.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro. A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana. 1998. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

WALLACE, Alfred Russel. Viagens para Amazonas e rio Negro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

WOHLETZ, Ken, Were the Dark Ages Triggered by Volcano-Related Climate Change? Los Alamos National Laboratory, 1995.